

promisso tomado pelos de Bragança por ocasião em que foram, talvez, buscar o S. Jorge á sua capella, para o fazerem figurar na procissão de Corpus Christi, e outras promovidas pela camara pelo que ficou na cidade.

A capella foi reconstruida de novo, e não apresenta troço algum de antiguidade.

Conto que em breve as lapides dêem entrada no Museu Municipal. Bragança, Março de 1909.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Pedra arabica

Na Secção Lapidar do Museu Ethnologico Português existe, desde 1905, um fragmento de lapide marmorea, recamada de caracteres arabicos em relevo.

D'onde procede? D'onde menos se podia esperar, quer pela região archeologica, quer pelas condições do achado.

Em primeiro logar, proveio da freguesia de S. Thomé de Aguiã, concelho de Arcos de Valdevez, isto é, do Alto Minho, onde decerto a civilização dos arabes se não estabeleceu e onde apenas, que conste de documentos, se reflectiram consequencias do pavor que aquelle povo espalhou alem do Douro.



Em segundo logar, foi encontrada dentro do sacrario de uma igreja parochial, a d'aquella mesma freguesia, servindo de *pedra* para sobre ella descansar a pyxide.

A sua fórma irregular, os seus lados escalavrados mostram que é um pedaço casual de maior monumento; é por assim um estilhaço vio-

lentamente obtido. No seu irregular circuito mede 0^m,51; e a espessura é 0^m,04.

Está encaixada em um aro quadrado de madeira de castanho, aro que lhe contorna com relativa exactidão as irregularidades do perimetro. Os caracteres arabicos estão em meio relevo, distinguindo-se tres linhas de uma inscripção, mais a parte inferior de uma quarta linha. A natureza mineralogica da pedra é identica á do marmore de Estremoz, branco e brilhante nas fracturas recentes. Do lado opposto á gravura epigraphica, a pedra conserva tambem a face primitiva e tosca da lapide.

Esta pedra, pelo local onde foi encontrada, era uma especie de pedra de ara; devia estar benzida e envolvida num pano grosseiro, como todas. As letras assim não eram visiveis, não se podendo pois notar o contraste entre a impureza confessional da origem e o character christão da sua utilização.

Como se explica porém isto? As constituições dos bispados ordenavam que nos sacrarios houvesse um cofre de madeira, forrado de tecido por dentro e por fóra, e assente em pedras de ara. As sagradas fórmulas eram depostas em corpóreas de linho ou olanda. O uso actual, porém, é guardar as hostias em pyxides metallicas dentro do proprio sacrario. Datam d'aquelle antigo estatuto as pedras de ara encontradas dentro dos sacrarios. (*Constituições sinodales do arcebispado de Braga*, ordenadas no anno de 1639, tit. v, const. VII, p. 88, e cfr. tit. v, const. VIII, p. 91).

É licito pois conjecturar que esta pedra, e as analogas a esta, provinham de um centro religioso commum — a cidade metropolitana — e aqui, a necessidade de obter estas pedras com particulares requisitos de espessura faria com que se aproveitassem e procurassem todas as que fosse possivel, sem attender a nenhuma das outras circunstancias.

Que importava que a pedra tivesse sido uma placa epigraphica de qualquer edificio muçulmano? Era applicavel materialmente ás necessidades liturgicas do culto; tanto bastava.

A sua leitura não foi ainda feita. É um fragmento muito reduzido para poder abranger um numero sufficiente de caracteres. O Sr. Asin Palacios, do corpo redactorial da *Cultura española*, só pôde assegurar que a lapide é de typo granadino e da epoca ultima. Vem pois a ser do sec. xv este monumento. O illustre professor David Lopes, a quem tambem tive a honra de consultar, nenhuma interpretação conseguiu.

A hypothese, que formulo para explicar o apparecimento d'esta pedra no sacrario de uma igreja, tem por consequencia presumir-se que ha de haver, quiçá na diocese bracarense, bastantes mais *pedras de ara* d'esta origem imprevista.

F. ALVES PEREIRA.